

Perfeito e Sublime Maçom - Grau 14°

Rizzardo do Camino

Eis a Lenda do Grau 14:

"Desde a época em que Jubulum, Joabert e Stolkin, acharam o Santo Nome gravado no Nono Arco, debaixo da terra em que Enoque o escondera, sob o Santuário do Templo que ele erguera no monte Haceldema, perto do monte Sião e ao sul do Vale de Josafá e levarem essa notícia a Salomão.

Salomão, em recompensa criou para eles, o Grau de Grande Eleito e Perfeito Maçom.

Desde essa época, só candidatos dignos foram admitidos nesse Grau.

Depois da dedicação do Templo, vários dentre eles dispersaram-se pelo Mundo:

Os Maçons de Graus inferiores multiplicaram-se rapidamente, devido à menor seleção entre os que se candidatavam a conhecer a Arte Real.

A falta de circunspeção desses Irmãos dos Primeiros Graus chegou a ponto de vários profanos conhecerem os Sinais, Toques e Palavras, que só dos Maçons deveriam ser conhecidos.

A Maçonaria começou a degenerar, multiplicaram-se as recepções, nenhum interstício foi observado, entre os Graus, pessoas houve que receberam os três Graus Simbólicos de uma só vez.

Os prazeres e as diversões tomaram o lugar de instrução; apareceram inovações, uma nova Doutrina destruiu a antiga, que, jamais deveria ser abandonado.

Houve disputas e dissensões. Só os Perfeitos Maçons escaparam a esse contágio, guardas fiéis de Palavra Sagrada, que fora guardada sob a Abóboda, debaixo do "Sanctus Sanctorum".

Começou a reinar, entre eles, esse união fraternal, união jurada e de que é o selo aquela Palavra.

Quando Salomão investiu os primeiros Maçons desse Grau, fê-los prometer-lhe, solenemente, que entre eles reinariam sempre Paz a União e a Concórdia, que praticariam obras de Caridade e de Beneficência, que tomariam para base de suas ações Sabedoria, a Justiça e a Equidade; que guardariam o maior silêncio sobre seus mistérios e que só os revelariam a Irmãos que pelo zelo, fervor e constância, fossem dignos de conhecê-los que se auxiliariam, mutuamente, em suas necessidades, punindo severamente qualquer traição, perfídia e injustiça.

Deu, então, um anel de ouro como prova da Aliança que acabavam de contrair com a Virtude e para com os Virtuosos.

Quando Jerusalém foi tomada e destruída por Nabuzardan, general de Nabucodonosor, Rei de Babilônia, os Grandes Eleitos foram os últimos defensores do Templo.

Penetraram na Abóboda Sagrada e destruíram a Palavra Misteriosa que nela se conservara por 470 anos, 6 meses e dez dias desde a edificação do Templo.

A Pedra Cúbica foi quebrada, derrubado o pedestal, tudo foi enterrado em um

buraco de 27 pés de profundidade, por eles cavado. Retiraram-se, depois, decididos a confiar a memória o Grande Nome e a só transmiti-lo à posteridade por meio de tradição.

Daí vem o costume de "soletrar" letra por letra, sem pronunciar uma única sílaba.

Por essa circunstância, perdeu-se o hábito de escrevê-lo e de pronunciá-lo.

Há incerteza das letras que o compõem. A verdadeira pronúncia só foi conhecida dos Perfeitos e Sublimes Maçons."

* * *

O Templo é denominado de "Retorno secreto de Perfeição" e possui as paredes vermelhas com Colunas brancas, iluminado com nove lâmpadas ao Norte, três ao Sul, cinco à esquerda no Oriente.

Defronte ao Oriente, duas Colunas douradas entre as quais, uma Pedra Cúbica sobre um pedestal triangular.

O Presidente representa o Rei Salomão e recebe o título de "Potentíssimo Grande Mestre"; os dois Vigilantes recordam Adoniram e Moabom, este filho de Lot e recebem o título de Respeitável Irmão Grande Vigilante; os Irmãos são denominados de "Excelentíssimos".

O traje é de passeio, em negro, com luvas brancas.

O Avental branco, orlado em azul; o verso na cor carmesim, Na Abeta, bordada, uma pedra quadrada com uma argola; no centro, um Compasso apoiado em um semicírculo graduado; no centro, uma Estrela de cinco pontas e a figura do Sol; aos lados no anverso, circundando, ramos floridos.

A Faixa é na cor carmesim, de um lado uma Estrela de cinco pontas e do outro um ramo de Acácia, a Jóia reproduz o bordado do centro do Avental.

A idade é a de vinte e sete anos cumpridos.

A Bateria é de três, cinco, sete e nove golpes.

Hora da abertura dos trabalhos: entre o despontar do dia e o desaparecimento do Sol; hora do fechamento: quando aparecem as três Estrelas.

A abertura do Livro Sagrado será feita em Êxodo 33, 18-23:

"Então disse Moisés ao Senhor: Rogo-te que me mostres a tua glória.

Respondeu-lhe: Farei passar toda a minha Bondade diante de ti e te proclamarei o nome do Senhor, terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia, e me compadecerei de quem eu me compadecer.

E acrescentou: não me poderás ver a face, porquanto homem nenhum verá a minha face, e viverá.

Disse mais o Senhor: Eis aqui um lugar junto a mim; e tu estarás sobre a penha.

Quando passar a minha Glória, eu te porei numa fenda da penha, com mão te cobrirei, até que eu tenha passado.

Depois, em tirando eu a mão, tu me verás pelas costas; mas a minha face não se verá."

*

* *

A Iniciação do Grau 14 é longa; há no início a preocupação de recorda todos os 13 Graus precedentes inquirindo-se os Iniciandos desde as primeiras passagens do aprendizado, Grau 1º do Simbolismo, que não são necessárias ao presente estudo.

No centro do Templo, é colocada uma mesa sobre a qual se vêem um Machado e uma Faca de proporções maiores que as comuns.

O Candidato ajoelha-se diante da mesa e inclina a cabeça, aguardando o golpe do Machado, enquanto o Mestre de Cerimônias comprime com a Faca o seu peito.

O Candidato dispõe-se a "imolar" as suas paixões, ainda presentes apesar de ter passado por tantas Iniciações.

Simbolicamente, é despido dessas paixões que tanto o prejudicam.

O Grau enfatiza a necessidade de "libertação", quando evoca a escravidão em que se encontrava o povo de Israel.

Nos tempos atuais, inexistente escravidão; a Liberdade política já não preocupa.

O que falta, porém, é a libertação das paixões; os homens sempre são escravos de si próprios, dos vícios e do egoísmo.

Apenas, para exemplificar, porque é um mal generalizado, é o maléfico uso do fumo; o cigarro e assemelhados dominam o fumante a tal ponto que, não podendo resistir, polui qualquer ambiente, numa atitude hostil de desprezo para com os demais.

Nunca se propagaram tanto os males do fumo; todos estão conscientes de seus malefícios; no entanto, vemos Maçons rumarem na Sala dos Passos Perdidos, acintosamente, em ambientes fechados, sem a mínima preocupação de que os circunstâncias poderão sofrer as conseqüências.

Além do simbólico ato de imolação, o Candidato é conduzido junto ao Mar de Bronze, em cuja água mergulha as mãos; no Altar dos Perfumes para que o calor do Incenso as enxugue. Assim, purificado, o Presidente toma de uma Trolha com a qual colhe de um vaso, uma mistura de azeite, vinho e farinha de trigo que passa na testa do Neófito para que os seus pensamentos sejam corretos; nos lábios, para que as suas palavras sejam úteis e sobre o coração para que os seus sentimentos sejam justos.

Todo cerimonial é feito no mais absoluto silêncio, ouvindo-se um fundo musical adequado.

A seguir o Candidato presta seu juramento, na forma e fórmula convencionais.

O Presidente diz:

"O laço que liga os Maçons não é, apenas, o de uma amizade delicada; reside, também, na identidade de suas aspirações. Jurastes defender-nos dos ataques à nossa liberdade de pensar e deveis, também, prestar vosso concurso à nossa tarefa. Ide agora, e aproveitai aquilo que os homens descobriram sem vosso concurso, mas, acrescentai-lhe o produto de vossos esforços".

O Neófito é levado para fora do Templo onde é preparado recebendo a "fita" do Mestre Secreto e um Triângulo de ouro preso ao peito, inscrita nele a palavra "Jeová"; em sua cintura é passado, com duas voltas, um cordão.

O Neófito toma a iniciativa de palavra e diz ao Presidente:

"Vós me incumbistes de ir em busca de Verdade. Procurei-a sincera e constantemente; entre os homens encontrei um Nome que eles contemplam pávidos.

Responde o Presidente:

"Essa palavra representa para eles o temeroso desconhecido. Sobre o coração do Maçom está o símbolo da razão serena e perseverante. Vistes essa Palavra sob o nono Arco, centro da Luz, Verdade intangível para a qual convergem todas as nossas aspirações.

Interrogastes as crenças humanas de que o Delta é o símbolo mais elevado. Todas têm um início em um sentimento bom e justo; todas têm conduzido ao esgotamento da Razão".

O Presidente retira o cordão que envolve o Neófito, simbolizando a sua libertação.

Recebe o Neófito as insígnias do Grau e passa o Presidente a manter com o 1º Vigilante um diálogo em torno do nome de Deus e incluindo o Orador, discorrem a respeito do que seja o Infinito.

"O Infinito é esse firmamento que por todos os lados nos envolve. É um movimento perpétuo a que chamamos "tempo".

Qual o menor dos organismos? Qual o maior? A Vida é imperceptível para os nossos olhos em tudo o que é, demasiadamente, grande.

Onde o limite da Vida? É o Infinito.

Em todo germe da Vida, encontramos o germe da Inteligência. Onde o princípio da Inteligência? Qual seu limite? É o Infinito.

O Infinito, sempre o Infinito! O espaço, o tempo, a Vida são inconcebíveis e toda idéia de limite é absurda, porque sempre, fica de pé a pergunta: "Que haverá além desse limite?" Além de nossos olhos, nossa Razão, nossa imaginação perquirem e indagam e nunca encontram um fim. A quem, em nosso foro íntimo, buscamos compreender nosso próprio movimento cerebral. Experimentamos, então, uma terrível angústia que acabaria por nos destruir a Razão se insistíssemos. Se pudéssemos, ao menos, compreender! Nada, porém! A propósito de todo raciocínio, de toda concepção, as idéias que engendrados vão esbarrar com o incompreendido, com o incognoscível! E toda ciência nada mais é o que uma lamentação por nossa ignorância!

Na Pedra Cúbica já descobrimos quais as letras que compõem o nome de Deus, que representam o Espaço Infinito, o tempo Infinito e a Vida Infinita em suas diversas manifestações, a Inteligência Infinita, em seu desenvolvimento; o infinitamente pequeno e o infinitamente grande em que esbarramos em toda a série de fatos ou idéias.

São essas, de fato, as letras que não sabemos ajustar umas às outras e das quais nada podemos dizer para não cairmos em idolatria.

Idólatras são os profetas que tentam persuadir o povo de que eles têm comércio com Deus.

Idólatras são os sonhadores que criam Deus de acordo com os erros e fantasmas da imaginação.

Idólatras são os filósofos que, sem conhecimento do que é Espírito e do que é matéria, jogam esta partida de xadrez entre o espírito e do que é matéria, jogam essa partida de xadrez entre o espiritual e o materialismo, em que, desde os primórdios da Humanidade, vence, ora uma, ora outra opinião, recomeçando, logo a seguir a partida.

Idólatras são as gentes simples que prestam homenagem a Deus, chamando-o de Bom, Justo, Poderoso, que tudo vê e tudo ouve, afeiçoando-o à sua imagem com as Virtudes, mas, também, com todos os vícios humanos.

Idólatras são os insensatos que se constituem Deus por si mesmos, afirmando que não existe outro.

Esses dizem: "Deus não existe", quando o desconhecido e o incognoscível os domina, os envolve e aniquila.

Procedem dessa maneira como quem, encerrado em uma câmara escura e desconhecida, declara que nela nada existe.

Não acrediteis, meus Irmãos que exprimindo-me por esta forma, esteja vos expondo a Doutrina Maçônica.

E um modo de pensar que procede de concepções, talvez de preconceitos, ídolos que o futuro encarregar-se-á de destruir." A Doutrina Maçônica é a que vou expor: "Debaixo da Pedra Cúbica, da Natureza e por meio de Ciência encontrastes os elementos do conhecimento de Deus. Não soubestes ler a Palavra que vos haviam afirmado, sabereis ler quando perfeitos Maçons.

A idéia maçônica é que cada um a leia por si próprio, sem auxílio alheio, de acordo com a própria Razão.

Lereis: CRIADOR - PROVIDÊNCIA - JEOVÁ - NATUREZA.

Que vossa leitura, porém, seja atenta e refletida. Empregai as letras encontradas sob a Abóboda Sagrada, sem negligenciar nenhuma das realidades que a Ciência vos revelou.

Adotais algum dos nomes que enunciei, como explicando a idéia de Deus?

Ignorais porque os sons que se ouvem, as palavras, só exprimem uma idéia única: "Ignorar!"

A Maçonaria não admite um desses nomes como expressão de sua Doutrina.

A Doutrina Maçônica é esta: "Deus existe". Ela afirma a existência de Deus e nada mais.

Essa falta de qualquer explicação pode conduzir ao desespero, e esse constitui um horrível sofrimento.

O remédio para esse desespero será o sofrimento em comum, a procura da Paz Espiritual no trabalho e achar a serenidade no amor do Bem e na Amizade, daqueles a quem amamos.

E esse o derradeiro traço do Perfeito Maçom.

Não seria possível, de fato, que fosse a Razão humana uma dor eterna.

A necessidade de compreender levar-nos-ia ao desespero do nada, se não fosse a necessidade que temos de esperar e de amar.

Um sentimento invencível impõe-nos a confiança, uma atração irresistível liga-nos ao Universo, a todos os seres, ao Infinito impenetrável.

E essa a libertação do pesadelo que nos oprime. E a Luz nas trevas de nosso cérebro.

O Perfeito Maçom procurará decifrar todas as realidades mas a Chave de Marfim, que lhe foi confiada abrir-lhe-á a Abóboda da Fraternidade: sustê-lo-á em seus desfalecimentos - o Amor retemperará sua coragem e sua confiança".